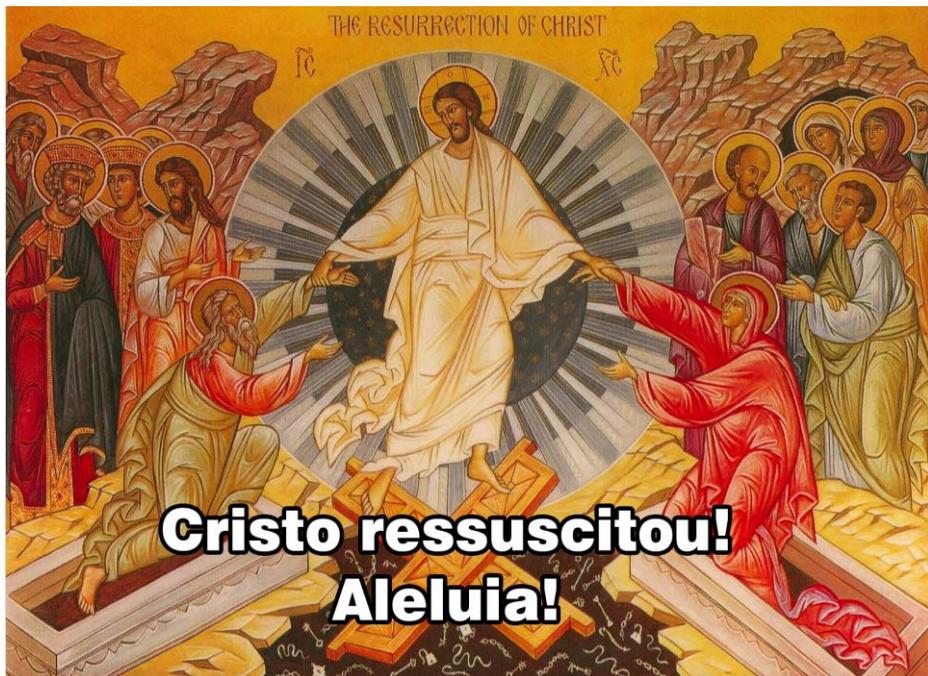


FAMÍLIA COMBONIANA

NOTICIÁRIO MENSAL DOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS

N.º 784

Abril de 2020



**BOA PÁSCOA
DE RESSURREIÇÃO**

DIRECÇÃO-GERAL

Notas Gerais da Consulta de Março de 2020

1. Coronavírus e os Missionários Comboniano

A pandemia de Coronavírus está a fazer vítimas em quase todos os países do mundo. Também nós, como Missionários Combonianos e como Família Comboniana, fomos duramente atingidos por esta pandemia com confrades e irmãs falecidos pelos quais pedimos ao Senhor que os acolha no seu Reino de luz e de paz. Recordamos também todos os outros que estão ainda sob a ameaça do vírus e acompanhamo-los com a nossa oração. Damos graças ao Senhor por aqueles que se curaram e estão totalmente restabelecidos desta infecção.

Como Instituto, continuamos a ser solidários com o povo santo de Deus e respeitamos as medidas tomadas pelas autoridades civis e religiosas para evitar o contágio. Recordamos entre outras o distanciamento social e a higiene das mãos.

Por causa da pandemia, os membros do Conselho Geral cancelaram todas as visitas que tinham programado dentro e fora de Itália para os meses de Maio e Junho de 2020 e pedem aos superiores de circunscrição e aos vários secretariados para avaliar a oportunidade ou a necessidade de cancelar todos os encontros provinciais ou regionais programados para o mesmo período.

Convidamos a usar os canais sociais para fazer chegar mensagens de conforto e esperança a todos aqueles com quem partilhamos a vida e a fé no Deus da vida que vence a morte e gloriosamente ressurge.

2. Nomeação dos vice-superiores de circunscrição

Durante as últimas duas Consultas o CG nomeou os vice-superiores de circunscrição:

A	<i>P. Mejía Domínguez Víctor Alejandro</i>
BR	<i>P. Raimundo Nonato Rocha dos Santos</i>
CN	<i>P. Pesquera Roa Eduardo</i>
CO	<i>P. Bolaños Palacios Martín Adolfo</i>
DSP	<i>P. Turyamureeba Roberto</i>
E	<i>P. Llamazares González Miguel Angel</i>
EC	<i>P. Jaramillo Arias Pablo Eduardo</i>
EGSD	<i>P. Eibu Dominic</i>
ER	<i>P. Estifanos Helafu Weldeghiorghis</i>

ET	<i>P. Asfaha Yohannes Weldeghiorghis</i>
I	<i>P. Aldegheri Giorgio</i>
KE	<i>P. Bwalya Andrew</i>
LP	<i>P. Alvarado Ayala Javier</i>
M	<i>P. Villaseñor Gálvez José de Jesús</i>
MZ	<i>P. Kasitomu James Milward</i>
NAP	<i>P. Ochoa Gracián Jorge Elías</i>
P	<i>P. Manuel António da Silva Machado</i>
PCA	<i>P. Barrios Morales Candelario Romeo</i>
PE	<i>P. Gaiga Gianni</i>
RCA	<i>P. Fazion Stefano</i>
RSA	<i>P. Riegel Bernhard Josef</i>
SS	<i>P. Maku Joseph</i>
T	<i>P. Kondo Komivi Antoine</i>
TCH	<i>P. Magoma Maripe Donald</i>

Faltam ainda os de Moçambique e do Uganda.

3. Secretariado Geral da Economia

A carta sobre os contributos extraordinários à Direcção-Geral, que habitualmente é enviada neste período do ano, será enviada nos próximos meses.

O CG e o secretariado desejam agradecer publicamente à província da NAP pelo «generosíssimo» contributo que nos fez chegar no final de 2019. Obrigado pela partilha com a Direcção-Geral e com todo o Instituto. As datas da assembleia geral dos ecónomos, prevista para o mês de Novembro, sofreram uma ligeira alteração: a assembleia iniciará dia 8 de Novembro com a chegada dos participantes e terminará dia 19 com a sua partida. Um comunicado para o efeito será enviado às partes interessadas o mais breve possível.

4. Secretariado-Geral da Missão

4.1. Nomeação dos membros do SGM 2020-2022

O Conselho Geral nomeia os representantes dos continentes que serão membros do SGM para o triénio 2020-2022: *P. Dario Bossi* – América/Ásia, *P. Kyankaaga S. John Richard* – APDESAM, *P. Giorgio Padovan* – Europa, *P. Edmond Dimonekene Sungu* – ASCAF

4.2. Programa da ministerialidade

O SGM propôs às Circunscrições um programa de reflexão comunitária sobre o tema da ministerialidade. O CG está plenamente consciente do

momento que estamos a viver, marcado pelo COVID-19 que nos condiciona psicologicamente e espiritualmente. O facto de as nossas actividades pastorais por vezes serem suspensas por responsabilidade civil, poderia representar uma ocasião para dar tempo ao percurso proposto. Por isso, convidamos cada circunscrição a fazer um esforço de adaptação do material, procurando relacionar os temas propostos à situação que se está a viver em cada país.

4.3. O mapeamento nas circunscrições sobre a ministerialidade social

O mapeamento das actividades da pastoral social está em curso. O material recolhido até agora oferece elementos muito preciosos para uma leitura sistemática que ajuda a analisar o nosso impacto na transformação da sociedade. Permite-nos também confrontar a nossa missão com os sinais dos tempos e crescer numa maior fecundidade missionária. Encorajamos todas as circunscrições que ainda não o fizeram a contribuir activamente para este exercício.

4.4. Fórum Social Comboniano sobre a Ministerialidade Social (FSCMS)

O encontro está previsto para os dias 18 a 22 de Julho em Roma. Todavia, a comissão FSCMS está a avaliar a possibilidade de adiar o encontro para uma data mais conveniente que será confirmada em breve.

5. Revisitação e Revisão da Regra de Vida

No encontro dos superiores de circunscrição, durante o mês de Fevereiro, foi apresentado a todos os participantes o trabalho feito até ao momento. Todos os presentes tiveram a oportunidade de verificar as correcções sugeridas pelos confrades das várias circunscrições e também de debater sobre alguns pontos considerados mais controversos no texto da RV. O texto com as correcções, preparado pela comissão central para a RV, foi enviado a todas as circunscrições acompanhado de uma carta que indica o caminho a fazer até Outubro. Depois, a comissão reunir-se-á para preparar o texto final a apresentar ao CG antes do Capítulo Geral de 2021. Todos os confrades são por isso convidados a familiarizar-se com as correcções e a propor outras observações e emendas a enviar à comissão central até ao final de Agosto de 2020. Lamentamos que as correcções propostas estejam somente em italiano; a nível de comunidade e de província os confrades procurarão ajudar-se mutuamente para compreender o texto.

6. Código Deontológico

Dia 10 de Outubro de 2019, o Conselho Geral aprovou o Código e enviou-o a todas as circunscrições nas várias línguas (italiano, que é o original, espanhol, português, inglês, francês). Quase todas as províncias o imprimiram na sua língua e assim todos os confrades podem ter uma cópia quer digital quer em papel.

O CG deseja agradecer vivamente a todos os confrades que contribuíram para traduzir e rever cuidadosamente o Código nas várias línguas.

Agora, encontramos-nos na fase mais importante deste processo, ou seja, tomar conhecimento do Código a nível pessoal, comunitário e de circunscrição; assim todos os confrades conhecerão bem o documento e se atirão às normas aí indicadas. As circunscrições podem também organizar sessões de diálogo entre os confrades para ajudar todos a conhecer o Código. Pode-se, além disso, organizar uma cerimónia durante a qual cada um assinará o impresso de aceitação do Código, que se encontra em apêndice ao próprio Código.

O CG deseja que este documento nos ajude a todos a viver mais intensamente e com integridade a nossa vocação missionária ao serviço dos mais vulneráveis na nossa sociedade.

7. Secretariado-Geral da Formação

Há **36 noviços finalistas**, 35 nos nossos noviciados (Namugongo 14, Sarh 11, Nampula 4, Xochimilco 6) e 1 em Isiro-Magambe, no Congo. Por causa da pandemia do COVID-19, a celebração da sua primeira profissão religiosa far-se-á nas casas de noviciado de modo sóbrio e simples, sem a participação de estranhos. A destinação dos neo-professos aos escolasticados/CIF far-se-á, se possível, no mês de Maio 2020, quando se avaliará também o número dos neo-professos que cada escolasticado pode acolher.

No subcontinente da África francófona há **31 postulantes finalistas**. A casa de Sarh pode acolher 18 noviços e a de Cotonou tem actualmente 17 noviços de segundo ano e, por isso, não pode acolher todos os remanescentes. No subcontinente da África anglófona e Moçambique há **outras 34 postulantes finalistas** prontos a partir para os noviciados de Namugongo e Nampula.

O CG, além disso, nomeia outros **3 membros do Conselho da Formação** para os próximos três anos, 2020-2022: *P. Fernando Domingues* (Europa), *P. Habtu Teklay Tiluq* (APDESAM) e *P. Léonard Ndjadi Ndjate* (ASCAF). O quarto, *P. José de Jesús Villaseñor Gálvez* (AMÉRICA-ÁSIA) tinha sido nomeado precedentemente.

8. Beatificação do P. José Ambrosoli no Uganda

A beatificação do P. José Ambrosoli está prevista para o dia 22 de Novembro em Kalongo, Uganda, se a pandemia de coronavírus que atinge o planeta o permitir. Foi apresentada ao Santo Padre a disponibilidade do Card. Giovanni Angelo Becciu a deslocar-se a Kalongo em sua representação na cerimónia de Beatificação. Realizaram-se algumas reuniões com o Conselho Geral e os provinciais do Uganda e de Itália para envolver as respectivas províncias e a Igreja local na preparação do evento. Convidamos todos a colher o significado missionário desta beatificação que acontece na missão como expressão acabada da missionariedade: o intercâmbio de dons entre Igrejas irmãs e quase uma identificação em que credivelmente um missionário, no nosso caso o próximo Beato Ambrosoli, é glorificado entre os «seus» de Kalongo. Por agora, não cessamos de o invocar num momento tão preocupante da humanidade, ele que enfrentou a doença com iluminada determinação, mas sobretudo com fé e caridade sobrenaturais.

Obra do Redentor

Abril	01 – 15 CN	16 – 30 EC
Maior	01 – 15 ET	16 – 31 I

Intenções de oração

Abril – Para que a colaboração com todas as pessoas de boa vontade estimule cada um de nós a contribuir, no seu ministério ao serviço do evangelho, para um mundo mais justo e para uma vida mais digna para todos. *Oremos.*

Maior – Para que quantos ocupam lugares de responsabilidade se confiem à intercessão de Maria para poder acolher a presença e a sabedoria de Deus nas suas decisões e acções e poder assim servir com mais alegria e eficácia. *Oremos.*

Curso Comboniano de Renovamento

A próxima edição deste curso terá início a 4 de Janeiro e concluir-se-á a 31 de Maio de 2021. Dirige-se aos confrades com mais de 50 anos e menos de 70, mas de um modo particular àqueles que celebraram ou se preparam para celebrar o 25º aniversário de ordenação ou, para os Irmãos, de votos perpétuos. O curso conclui-se na Terra Santa (as últimas três semanas).

Para a inscrição, os interessados, depois de ter recebido a aprovação do seu superior de circunscrição, entrem em contacto com o coordenador do curso, P. Elias Sindjalim – e-mail: esindjalimess@hotmail.com

N.B. Para entrar em Israel, os confrades africanos precisam de visto, que se consegue só depois de ter obtido a licença de estadia em Itália. Uma vez que para obter a licença de estadia em Itália são actualmente necessários cerca de quatro meses desde a chegada a Roma, é oportuno que eles venham no início de Dezembro.

Os confrades que não sabem italiano precisam pelo menos de três meses para o estudo da língua aqui em Roma. Terão de organizar-se para estar aqui em finais do mês de Setembro, a fim de começar o estudo da língua no início de Outubro de 2020.

NA PAZ DE CRISTO

P. Anton Ellinger (09.06.1938 – 01.03.2020)

A infância de Anton foi marcada pela amarga experiência de expulsão e clandestinidade. Nasceu a 9 de Setembro de 1938 em Milowitz – hoje Milovice – na Morávia meridional (República Checa), a apenas dez quilómetros da fronteira austríaca. Durante o período dos nacional-socialistas, a minoria alemã teve pleno poder no país. Sete anos depois, a situação mudou radicalmente e a vingança foi terrível. A população de língua alemã, que residia ali desde há centenas de anos, foi expulsa de forma selvática do seu território e empurrada para a fronteira austríaca, em finais de Maio de 1945. No meio desta gente, encontravam-se a sua avó e a sua mãe com quatro filhos, um dos quais era Anton, de 7 anos.

Por fim, através da Áustria, chegaram à Alemanha e encontraram morada na pequena aldeia de Hohenrot, no distrito de Künzelsau. Naquele tempo, o pai de Anton estava preso em França. Depois da sua libertação, conseguiu, através da Cruz Vermelha, encontrar a sua família. No novo ambiente, os refugiados, inicialmente, viviam à margem da sociedade, experimentando a rejeição por parte de muitos mas, ao mesmo tempo, também a atenção e a ajuda por parte de outros. Estas experiências ajudaram mais tarde o P. Anton a viver com particular sensibilidade a situação da gente na África do Sul durante a época do *apartheid*.

A aldeia de Hohenrot não era distante da pequena cidade de Bad Mergentheim, onde os Missionários Combonianos tinham um seminário. Ali, Anton entrou em 1949. Terminado o primeiro ciclo de estudos, os rapazes

passaram para o seminário Josefinum de Ellwangen. Depois de terminado o décimo segundo ano (1959), Anton fez o noviciado em Bamberga e Mellatz, onde emitiu os primeiros votos a 29 de Setembro de 1959, e os estudos de Filosofia e Teologia em Bamberga e em Roma, onde a 18 de Dezembro de 1964 fez a profissão perpétua. Foi ordenado sacerdote a 29 de Junho de 1965 e celebrou a primeira missa, com grande solenidade, na pequena aldeia de adopção. Com esta festa completou-se a integração de toda a sua família na nova pátria.

Já durante os estudos, Anton tinha manifestado um extraordinário talento, especialmente para as línguas. Em Bamberga e depois em Roma especializou-se no Antigo e Novo Testamento, aprendendo diversas línguas antigas orientais, como o aramaico, o antigo siríaco, o georgiano e outras. O seu tesouro, na biblioteca privada, eram as muitas edições da Bíblia em diversas línguas e um grande número de dicionários. Sabia de memória o Pai Nosso em 25 línguas. Quando estava cansado, para se relaxar... tomava em mãos uma gramática russa!

Logo depois da ordenação sacerdotal, o P. Anton foi destinado ao seminário menor de Saldaña (Espanha) como professor de Latim, Grego, Inglês e História. Era muito apreciado pelos estudantes pela sua inteligência e os seus conhecimentos linguísticos, mas lidar com adolescentes não era o seu forte. Por isso, em 1973, partiu feliz e contente para a missão na África do Sul.

Ali, em pouquíssimo tempo, não só conseguiu dominar as línguas do país – Inglês e Africânder – mas também as três línguas africanas, Zulu, Shangan e Sotho, faladas na diocese de Witbank, e mais tarde a língua Xhosa, falada na diocese de Kokstad, onde a província sul-africana tinha assumido duas paróquias. Além do seu trabalho pastoral em várias paróquias, acompanhava os jovens missionários no estudo das línguas e dedicava-se à tradução de textos, ao estudo da história do país e da Igreja. Depois de 22 anos de trabalho missionário na África do Sul, em 1965 foi destinado à sua província de origem para acompanhar e preparar, em Nuremberga, os *missionari ad tempus* (MaZ) prestes a partir para a missão. Em 2007 sofreu um ictus que o sujeitou a dura provação não só fisicamente, mas também psicologicamente.

Durante os últimos meses de vida, estava já muito preso a uma cadeira de rodas e sujeito a diálise duas vezes por semana. Diálise que, por sua vontade, foi interrompida: sentia-se preparado para se encontrar com o seu Criador. Faleceu dia 1 de Março de 2020 no lar de Ellwangen, situado a pouca distância da nossa casa: (P. Reinhold Baumann, mcccj)

P. Firmino Cusini (22.10.1940 – 16.03.2020)

A notícia da morte do P. Firmino apanhou-nos de surpresa. Foi uma morte inesperada para todos nós e também para ele. Estava a restabelecer-se bem de uma intervenção que tinha feito no mês de Novembro e sonhava voltar depressa a Moçambique, onde tinha passado quase cinquenta anos da sua vida. Anos durante os quais atravessou as várias fases da história deste país: a luta do povo pela independência, a guerra civil, o despontar de uma nova era com o acordo de paz e as eleições democráticas, o caminho da reconstrução nacional.

A última vez que o vi foi no fim de semana de 7 e 8 de Dezembro de 2019, em Milão. Quando me viu, ficou feliz e queria saber notícias de Moçambique, dado que tinha visitado a província recentemente. Interessava-se por tudo, queria saber tudo e manifestava um ardente desejo de poder regressar para lá. «Ficar em Milão nem pensar, e tão pouco em Itália. A minha terra é Moçambique. Tenho de aguentar mais um pouco, mas espero estar lá para a Páscoa».

O P. Firmino nasceu em Livigno, na província de Sondrio, a 22 de Outubro de 1940. Entrado nos Missionários Combonianos, fez o noviciado em Gozzano, onde emitiu os votos temporários a 9 de Setembro de 1966, e o escolasticado em Venegono, onde emitiu os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1969.

A partir da sua ordenação, a 21 de Março de 1970, depois de alguns meses em Portugal para aprender a língua, o P. Firmino viveu e trabalhou sempre em Moçambique. Conheci-o quando cheguei ali em 1984. Naquele tempo trabalhava em Memba como pároco e superior da comunidade (1982-1993). Alguns anos antes tinha denunciado uma situação de fome na zona, correndo o risco de expulsão ou a prisão. De todos estes anos em Moçambique e do seu extraordinário e diversificado trabalho, poderemos dizer tantas coisas. Limitar-me-ei a alguns traços da sua figura que sempre me impressionaram e me motivaram no meu trabalho missionário. O P. Firmino era um homem apaixonado pela missão e pelas gentes. Para poder evangelizar melhor, aprendeu a sua língua, o macua, e a cultura. Bem identificado como missionário comboniano, era feliz e sentia-se realizado no trabalho missionário, em companhia das gentes, o povo Macua, na visita às comunidades cristãs, na formação dos seus responsáveis. Era atento aos mais necessitados e procurava dar a todos aqueles que encontrava uma vida mais digna e humana. Era pai, irmão, amigo, companheiro. Era um pastor atento à situação das gentes.

Tinha também uma grande paixão pela Igreja local, pelo clero diocesano e respeito pelo bispo. Durante vários anos foi vigário geral da diocese de Nacala e administrador. Tinha um grande sentido de pertença à Igreja

moçambicana. Por ela, o P. Firmino se doou inteiramente e conseguiu obter ajudas materiais imensas para construir capelas, escolas, centros pastorais e catequéticos. Todas as ajudas que recebia dos seus amigos e parentes em Itália, e eram tantas, investia-as a favor da Igreja e das gentes. Não guardava nada para si. Vivia uma vida simples e austera.

O P. Firmino era uma pessoa alegre e feliz. Vivia os acontecimentos difíceis da missão com uma serenidade e uma paz impressionantes. Estou certo de que esta alegria tinha a sua fonte no encontro pessoal com Cristo que ele cuidava quotidianamente. Sentia de modo particular a presença de Deus no seu trabalho e na vida das pessoas.

Também o P. Constantino Bogaio, Superior provincial de Moçambique, no seu testemunho, evidencia a têmpera de «antigo combatente» do P. Firmino, missionário obediente e sempre disponível, grande promotor das vocações e sublinha o seu sorriso e a simplicidade até mesmo através das palavras de quem o conheceu bem: «*Padre Nywo atate* era o carinhoso pseudónimo que lhe tinha sido dado no período em que trabalhava no Centro Catequético de Anchilo pelo seu estilo sempre generoso e pelo modo de aconselhar. D. Germano Grachane, primeiro bispo da diocese de Nacala, que trabalhou muitos anos com ele, quando recebeu a notícia da sua morte, falou do seu amigo P. Firmino, como de um conselheiro, bom comboniano, amigo do povo moçambicano, missionário de coração de ouro para com ele, para com a diocese e pela obra dos seminaristas e seminários de Nacala, tanto diocesanos como combonianos».

O seu testemunho de vida, a sua alegria e serenidade, mesmo nas situações mais difíceis que teve de enfrentar, a vida abundante que foi infundindo nas várias missões em que esteve têm o sabor do Evangelho vivido com intensidade ao serviço do Reino. (*P. Jeremias dos Santos Martins*)

Ir. Libero Ribelli (02.06.1921 – 18.03.2020)

O Ir. Libero nasceu a 2 de Junho de 1921 em Polpenazze (Brescia), diocese de Verona. Contava que quando rapaz era menino de coro. Um dia, o pároco levou os seus meninos de coro a Schio para ver uma exposição missionária. Aqui encontrou a Ir. Josefina Bakhita, a escrava sudanesa tornada religiosa canossiana e declarada santa poucos anos depois da sua morte. Bakhita escreveu: «Se encontrasse aqueles negreiros que me raptaram e também aqueles que me torturaram, ajoelhar-me-ia a beijar as suas mãos, porque, se isso não tivesse acontecido, não seria agora uma cristã e religiosa». Não sabemos quanto Libero tenha sido tocado por esta religiosa. O certo é que nunca mais esqueceu aquele encontro.

Entrado nos Combonianos, fez o primeiro ano de noviciado em Florença e o segundo ano na casa provincial de Sunningdale (Inglaterra). Aqui emitiu os votos temporários a 20 de Março de 1950. Passou depois para a casa de Stillington. Assim pôde aprender rapidamente o inglês.

De 1951 a 1956 encontramos-lo na Itália, em Verona, como cozinheiro, em Crema e em Troia, como encarregado da casa, em Roma, como cozinheiro, jardineiro, empenhado na acção missionária, na ACSE e no sector das viagens. A 19 de Março de 1956 emitiu os votos perpétuos e foi mandado para o Uganda onde permaneceu até 1962, primeiro na missão de Aliwang, como encarregado da construção, depois em Kaabong, como encarregado do campo, e por fim em Kangole, de novo nas construções.

De 1962 a 1971 foi destinado a Itália, primeiro como encarregado da casa de Verona (Casa Mãe), depois em Venegono, onde esteve também empenhado na animação missionária. Depois, principalmente como cozinheiro, na casa de Cuneo/Barolo e de Asti, onde colaborava também na animação missionária.

De 1971 a 1976 foi novamente destinado ao Uganda, precisamente a Moroto, sobretudo para a construção. Dois anos depois (1976-1978) encontramos-lo em Asti, como porteiro.

De 1978 a 1982 foi para a NAP, como encarregado da casa de Cincinnati, depois para Los Angeles, CA (então noviciado), e por fim para Chicago, para o Escolasticado, empenhado também ali na animação missionária.

De 1983 a 1991 foi mandado para o Sudão do Sul, como ecónomo local em Bussere e depois como encarregado da casa de Juba (residência provincial). Aqueles anos, recordou o P. Raffaele Cefalo no funeral, foram, como dizia o Ir. Libero, os seus anos mais belos, aqueles em que teve o privilégio de poder trabalhar onde tinha trabalhado Comboni. Eram os anos em que os bispos do Sudão do Sul pediam pessoal comboniano, sobretudo Irmãos no sentido tradicional do termo, irmãos *ad omnia*: pedreiros, carpinteiros, mecânicos, etc., para reconstruir as muitas missões destruídas. Assim, em Junho de 1983, o Ir. Libero estava em Nairobi com destinação ao Sudão do Sul e, alguns dias depois, com o visto que o P. Cefalo tinha conseguido obter em tempos muito rápidos, estava já em Juba, depois de uma viagem de dois dias e depois de ter furado os pneus do Toyota Land Cruiser umas sete vezes! Um aperitivo das muitas dificuldades que o Ir. Libero haveria de enfrentar nos anos seguintes como “irmão para toda a obra” em Juba, em Wau e em Bussere.

Em Julho de 1991 regressou definitivamente a Itália, embora durante algum tempo tenha continuado a pertencer juridicamente à província do Sudão do Sul. Encontramo-lo assim encarregado da casa, primeiro duran-

te dois anos em Verona e depois em Roma, na Cúria Generalícia, de 1993 a 2013. Em Roma, o Ir. Libero sempre desenvolveu o seu trabalho com pontualidade e atenção. Durante muito tempo foi sacristão, sempre atento a procurar aquilo de que a igreja precisava. Era uma pessoa cordial e compreensiva com os confrades, sempre a ajudá-los ou a fazer algum serviço para eles.

À notícia da sua morte, o P. Torquato Paolucci enviou aos confrades da casa de Milão uma mensagem, assinada por todos os membros da comunidade de Roma, na qual quis dizer adeus ao Ir. Liberto sublinhando a “recordação indelével” que deixou na Cúria, onde passou mais de 20 anos. Todos recordam a sua presença discreta e silenciosa. Quando deixou a comunidade, sentiu-se muito a sua ausência. Foi um exemplo de fidelidade ao trabalho, de atenção à liturgia e para com cada confrade. Todos recordam o seu sorriso, o seu cumprimento respeitoso, e de como, sempre com discrição, falava do seu serviço militar na Rússia, quando se encontrava com o seu contingente em defesa do rio Don. «Ensinou, sublinha o P. Torquato, que se pode ser verdadeiros missionários combonianos mesmo longe das missões, coisa que, por vezes, nós temos dificuldade em compreender quando estamos desde há muito tempo afastados daquela que chamamos missão».

P. Bruno Tonolli (04.12.1938 – 23.03.2020)

O P. Bruno Tonolli, nascido a 4 de Dezembro de 1938 em Cazzano de Brentonico, província e diocese de Trento, foi noviço em Florença em 1960, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1962, e escolástico em Verona, onde fez a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1965 e foi ordenado sacerdote a 26 de Junho de 1966.

No primeiro ano de sacerdócio foi mandado para Pordenone, como professor dos aspirantes Irmãos Coadjuutores e animador vocacional. Em Setembro de 1969, o P. Bruno partiu para Moçambique, destinado como vice-pároco para a paróquia de Nova Lusitânia, uma pequena povoação da província de Sofala, que depois da independência nacional tomou o nome de Buzi. Ali se dedicou à pastoral, mas sobretudo ao estudo da língua Chindao. Chamado a Itália em 1974, foi convidado a aceitar a formação dos Postulantes na periferia de Nápoles e, três anos depois, aceitou passar para o Postulantado de Florença. Será, mais tarde, reitor do Seminário Comboniano de Lages, no Estado de Santa Catarina (SC), e do Seminário Diocesano da Diocese de São Mateus em Carapina, Vitória (ES).

Estamos no início dos anos 1970, quando se procuram novos métodos para tornar mais funcional a vida dos seminários, não distantes do povo, mas inseridos no ambiente pobre e periférico da cidade. De 1986 a 1991 encontramos o P. Bruno em Lages, como pároco da paróquia Frei Rogério e reitor do Seminário comboniano. Também ele, como o seu sucessor, o P. Gianfranco Bettega, depois de tanto trabalho, esforço, dedicação e orações, infelizmente, não teve a alegria de ver seminaristas chegar ao sacerdócio ou perseverar nele. Em 2005, o P. Bruno frequentou o Curso de Renovamento em Roma, no qual renovou o propósito de «viver o carisma de Comboni e de ser um verdadeiro missionário segundo o Sagrado Coração de Jesus».

O P. Bruno foi pároco de algumas paróquias: São Mateus (ES), São Gabriel da Palha (ES), Nova Venécia (ES), São José do Rio Preto (SP), e também em Cacoal (RO), onde o P. Ezequiel Ramin trabalhou e foi assassinado pelo ódio dos grandes latifundiários. Por último, foi responsável da paróquia de Santa Amélia, em Curitiba, capital do Estado do Paraná.

«Em Nápoles, em Florença, em Lages, em Carapina e em Curitiba – escreve o P. Alessandro Garbagnati – o P. Bruno, como um verdadeiro educador, conseguiu equilibrar os seus comportamentos com os seminaristas: por um lado, firmeza perante as necessidades essenciais da missão; por outro, atenção e reflexão sobre os insucessos na formação dos jovens».

Com a chegada de dois jovens sacerdotes combonianos à paróquia de Santa Amélia em Curitiba, com ideias e projectos de pastoral nova, o P. Bruno preferiu regressar à pátria e trabalhar em Verona, na paróquia comboniana de San Tomío.

Dali, respondendo a um amigo no Brasil, agradecendo-lhe pelos votos de bom aniversário, escreveu: «Caro amigo P. Aldir, a tua lembrança deu-me muita alegria e comovi-me. A nossa alegria comboniana é pensar que a diocese de S. Mateus é agora servida por sacerdotes brasileiros e podemos dizer: missão cumprida». O P. Aldir recorda também que em 1984, quando o P. Bruno era vigário em São Gabriel da Palha, o Governo militar ordenou-lhe que deixasse imediatamente o Brasil porque não tinha – parece – o visto de permanência e era considerado «comunista», porque defendia os trabalhadores. Quando estava para embarcar para Itália, chegou-lhe o indulto do Governo, implorado por um alto expoente da hierarquia eclesiástica.

Enfraquecido fisicamente pelas várias intervenções cirúrgicas ao estômago, tinha dores constantes, mas esforçava-se por sorrir e surgir sereno diante dos que estavam à sua volta. Amava a liturgia e preparava com a

oração as homilias do domingo: eram homilias missionárias, claras e compreensíveis. Muitos recordam o seu sorriso, o abraço amigável e o acolhimento cordial e festivo que fazia a todos.

«O P. Bruno – testemunha a Ir. Zulmira da IFAP, parapsicóloga clínica – amava muito o Instituto comboniano cujos seminaristas eram educados à mundialidade, para a visão que o P. Bruno tinha do mundo, para o seu olhar missionário sobre o planeta, para o seu empenho com a causa social e política e, sobretudo, para a sua paixão pela missão. Queria uma Igreja dinâmica, “em saída”, como hoje prega o Papa Francisco».

Muitos seminaristas de então devem-lhe a ele se hoje são ótimos sacerdotes da diocese de São Mateus. No rito fúnebre foi afirmado que o P. Bruno foi um grande dom de Deus à diocese de São Mateus e, sobretudo, um verdadeiro e santo missionário comboniano para o Brasil. *(P. Enzo Santangelo, mccj)*

P. Costante Ferranti (23.03.1931 – 24.03.2020)

O P. Costante Ferranti nasceu a 23 de Março de 1931 em Orzinuovi, província e diocese de Brescia (Itália), de uma família profundamente religiosa. Fez os primeiros estudos na sua terra natal.

Num texto escrito por ele por ocasião do seu quinquagésimo aniversário de sacerdócio lemos: «Em Setembro de 1944 entrei no seminário diocesano de Crema e aí permaneci durante todo o tempo de liceu. Aos 22 anos entrei no noviciado». Ali, teve como professor o P. Giovanni Giordani, que viria a reencontrar anos mais tarde como companheiro de missão na Baixa Califórnia.

Proveniente, portanto, do seminário diocesano, entrou no noviciado de Florença a 13 de Novembro de 1953, no termo do qual emitiu a primeira profissão no dia da festa de São Pedro Claver, como se usava então, no dia 9 de Setembro de 1955. Fez os estudos de Teologia em Venegono Superior e no dia 31 de Maio de 1958 foi ordenado sacerdote pela imposição das mãos do futuro Papa Paulo VI. Em Julho do mesmo ano chegou a Cidade do México. Escreve o P. Costante nas suas memórias: «Durante o mês de férias, a minha mãe anunciou-me a destinação dizendo-me: vais para a Califórnia, ficarás bem, ali há muitos dólares. Não encontrei dólares, mas uma gente tão boa que me fez feliz em todo aquele período, e disso agradeço a Deus». Naquele momento não imaginaria que haveria de passar em terra mexicana a maior parte da sua vida missionária. A sua primeira destinação foi Sahuayo, para onde foi como formador

no seminário, mas «felizmente – escreve – chegou D. Giordani que me levou para a Baixa Califórnia».

Depois de um breve parêntesis na Cidade do México para o estudo do espanhol, em Julho de 1961 começou o seu apostolado na Prefeitura Apostólica da Baixa Califórnia. Por onde quer que o P. Costante exerceu o seu apostolado, sempre se distinguiu pelo zelo missionário e pelo entusiasmo que soube transmitir às gentes: em Villa Insurgentes, Ciudad Constitución, Santa Rosalía, Bahía Tortugas, Guerrero Negro e por fim La Paz. Nestas terras viveu os seus anos mais intensos de serviço pastoral missionário, visitando herdades e pequenas aldeias das paróquias onde não existam grandes comunidades cristãs. Distinguiu-se como um missionário de grande dedicação, um homem de oração e de total consagração ao seu ministério. Viveu, como todos os seus companheiros, com um estilo de vida pobre e de grande simplicidade, em sintonia com a experiência e a realidade das pessoas que servia.

Durante a sua permanência no México, após alguns anos de trabalho na evangelização e na pastoral, foi nomeado animador missionário no seminário de Guadalajara (1970-1974), que estava ainda em construção e no início da sua actividade, com um bom grupo de jovens aspirantes à vida missionária e comboniana. Revelou-se também ali um entusiasta e um grande trabalhador e, como já noutros lugares, com um espírito de grande criatividade: deu vida a novos grupos de «Damas» combonianas, grupos missionários de benfeitores e benfeitoras, em diversas aldeias dos estados de Jalisco e Colima. A actividade fundamental destes grupos era promover o espírito missionário nas suas paróquias, distribuindo as revistas *Esquila Misional* e *Aguiluchos*, e apoiando materialmente as actividades do nosso seminário.

Mais tarde, depois de diversos anos de serviço na província do México, foi chamado para Itália onde se dedicou ao trabalho de animação e de pastoral. De 1978 a 1988 coordenou o ministério de animação missionária, primeiro em Sulmona e depois na comunidade de Troia, em Itália.

Durante o seu último período na Baixa Califórnia, de 1991 a Novembro de 1999, conseguiu novamente trabalhar na pastoral de diversas paróquias nas quais tinha iniciado o seu ministério. Em 1991 era pároco em Ciudad Insurgentes no Vale de Santo Domingo, no meio de uma população de camponeses que viviam as dificuldades ligadas ao campo e à crise da agricultura naquela zona. Em 1997 assumiu a responsabilidade como pároco da comunidade cristã de Guerrero Negro, no norte da península, ocupando-se dos trabalhadores da grande salina do Vale do Vizcaino e,

por fim, da paróquia do Sagrado Corazón em La Paz, onde viveu os seus últimos meses de ministério na Baixa Califórnia.

A doença obrigou-o a regressar a Itália, desta vez definitivamente. Escreve o P. Costante: «Acolhe-me a madre pátria, a Itália, em Setembro de 1999, repousando e animando o santuário dedicado a Nossa Senhora de Fátima na diocese de Milão. Sintetizando, tenho de reconhecer que a minha vida missionária sempre tomou fôlego à sombra de Nossa Senhora. Iniciei na pacatez do pequeno e perdido santuário de Maria Auxiliadora. Passei ao de Fátima, primeira igreja por mim construída. Continuei em Troia sob o olhar de Nossa Senhora Mediadora. Em Guerrero, fez-me de mãe a Guadalupana. E agora estou em Milão, entre os braços da Senhora de Fátima. A Ela o meu obrigado».

Quase durante um ano permaneceu em tratamentos no Centro Ammalati de Milão. De Julho de 2000 a Dezembro de 2004 foi encarregado da Reitoria dedicada ao Coração Imaculado de Maria na comunidade do CAA em Milão. Durante cerca de 14 anos, de 2005 a 2018, exerceu o seu ministério sacerdotal no mesmo centro. Em 2018 adoeceu e ficou no Centro Ambrosoli até à sua morte, a 24 de Março de 2020. (*P. Enrique Sánchez González, mccj*)

Ir. Franco Bonadimani (19.10.1926 – 28.03.2020)

O Ir. Franco Bonadimani nasceu em Salizzole, província e diocese de Verona, a 19 de Outubro de 1926. Aos 17 anos era já contabilista e de imediato encontrou um trabalho. Entregou ao pai o primeiro ordenado, porque eram tempos difíceis e era necessário ajudar ao sustento da família, mas o segundo, levou-o à igreja de Santa Eurosia de Salizzole «para que os pobres tivessem pão».

Em 1944 entrou no noviciado comboniano de Florença, onde fez os primeiros votos a 7 de Outubro de 1946, aos 20 anos. Depois de ter trabalhado como cozinheiro em algumas comunidades em Itália, foi mandado para Verona, onde fez a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1952. Viveu como consagrado a Deus durante 73 anos: 28 anos na Casa Mãe, dois anos em Roma, na Cúria, como encarregado da procuradoria, e depois, de novo, na Casa Mãe, sempre como encarregado da procuradoria, durante 43 anos. Nunca foi em missão, mas a sua vida foi uma missão: sempre trabalhou, como confirmam os que o recordam, com dedicação e responsabilidade, sempre por amor às missões.

Em Castel d’Azzano, aonde tinha chegado para tratamentos em 2019 e onde permaneceu depois por um período curto, a todos impressionou o

seu sorriso e o seu contínuo «grazie», pelos mais pequenos serviços que recebia. Simplicidade, escondimento, humildade e serviço, as atitudes de Jesus durante 30 anos na sua terra, Nazaré, foram também as atitudes do Ir. Franco durante toda a sua vida.

Dia 31 de Março, foi celebrado o seu funeral. O Ir. Franco foi sepultado em Verona, «com os Combonianos» como tinha pedido explicitamente poucos dias antes de morrer. Foi vestido com a veste com que se tinha consagrado (que naqueles tempos todos levavam) e que tinha levado consigo da Casa Mãe. Nos dias da pandemia do coronavírus, em que a maior parte das pessoas que morrem são sepultadas de modo anónimo, o Ir. Foi sepultado de modo digno, foi entregue a Deus com os sinais da consagração, com a celebração da Eucaristia na comunidade, entre os confrades que amou e serviu. O P. Teresino Serra, no funeral, recordou algumas das suas características. Era um homem de oração: fazia uma dupla oração, primeiro rezava com o velho manual de orações do Instituto e depois proclamava os salmos com a comunidade. Era um homem silencioso, até porque não ouvia, mas falava com os olhos e o testemunho. Era atento e responsável nos deveres que tinha: distribuir o correio, preparar os envelopes para as jornadas missionárias, ajudar na cozinha a lavar a loiça. Dedicava-se também ao jardim e ao pequeno horto; quando sentiu que não conseguia mais, «pediu licença» para parar. Vivia com o necessário e não pedia nunca nada. Quando foi transferido para Castel d’Azzano, foi fácil preparar a sua mala porque no quarto tinha poucas coisas: só uma grande quantidade de imagens religiosas, terços, fotos dos familiares, livretos de oração e um livro de Comboni, que tinha lido mil vezes, visto o desgaste das páginas.

Por fim, o P. Teresino recordou que para ele, a palavra obediência era importante: «Quando, nos últimos tempos, não queria tomar os medicamentos ou não queria que as mulheres entrassem para limpar o seu quarto, bastava dizer-lhe que o fizesse «por obediência» que logo se tornava dócil. Quando, por obediência, lhe pedi para se transferir para Castel d’Azzano só por algumas semanas... respondeu-me com um olhar inteligente, como que a dizer “sei que me estás a ludibriar e que não voltarei mais para a Casa Mãe”».

P. Gonzalo Antonio Dasilva Fernández (25.07.1962 – 29.03.2020)

O P. Gonzalo nasceu em Vigo (Espanha), diocese de Tui-Vigo, a 25 de Julho de 1962. Entrou no noviciado de Moncada, onde emitiu os votos temporários a 25 de Maio de 1985. Fez o escolasticado em Elstree, onde

emitiu a profissão perpétua a 2 de Junho de 1989 e, em Roma, onde foi ordenado sacerdote a 7 de Julho de 1990 e onde permaneceu até meados de 1993 para a especialização.

Em Julho do mesmo ano foi destinado à província do Togo-Gana-Benim, onde permaneceu de 1993 até 2010: 17 anos de dom de si e empenho. Era chamado carinhosamente «fada Koku», porque tinha nascido numa quarta-feira, e isso mostra também quanto tinha entrado na vida das pessoas, na sua língua e cultura.

Nestes dezassete anos, poderiam distinguir-se três fases: um primeiro período (1993-2001) mais pastoral, entre Gana (Sogakope, Abor e Accra) e Togo (Kouvé); o segundo, na promoção das vocações e na animação missionária, o terceiro na economia.

Quanto ao trabalho pastoral, o P. Gonzalo desenvolveu o seu serviço em Sogakope e em Kouvé (1993-1996) no meio de uma religião tradicional ainda muito forte, o vudu, quando o anúncio da Boa Nova pedia aos missionários para estar no meio das pessoas como humildes servidores do Evangelho, acompanhando as pequenas comunidades espalhadas pelas aldeias. Jovem e alegre, o P. Gonzalo lançou-se no ministério com entusiasmo. A sua relação com os jovens, fácil e amigável, deixou entrever aos superiores a possibilidade de confiar-lhe um outro serviço: a promoção das vocações e a animação missionária no Gana.

Iniciou assim a sua segunda fase na província. Naquele ano queria-se acrescer a presença missionária comboniana, depois da beatificação de Daniel Comboni, através de um maior empenho sobre dois aspectos do carisma: promoção e animação. O P. Gonzalo encontrou-se assim em Abor (1996) para dar os primeiros passos na promoção das vocações, acompanhando um pequeno grupo de jovens que se abriam à vocação comboniana. Mas uma vez que a presença dos jovens é mais consistente nas grandes cidades, pensou-se em mudar-se para a capital. Os Combonianos tinham, em Kaneshie, uma casa adquirida pelo P. Angelo Confalonieri, que podia muito bem tornar-se uma nova comunidade comboniana. O P. Gonzalo foi o primeiro superior daquela comunidade (1999), e pôde expandir o seu trabalho entre os jovens. Em Kaneshie nasceu o CAM, centro de animação missionária, que teve nele o primeiro animador. Tratava-se, com a ajuda de outros confrades, de dar a conhecer os Combonianos na arquidiocese de Accra, de tecer relações com os sacerdotes e os jovens. O P. Gonzalo deu o melhor de si naqueles anos juvenis que o levaram, com o P. Francisco Machado, à criação da paróquia comboniana «Our Lady of Assumption» no bairro New Achimota de Accra.

Entretanto, entre 2001 e 2002, o P. Gonzalo participou na África do Sul no Ano Comboniano, no termo do qual, com o regresso ao TGB, se abriu para ele uma nova página da sua experiência missionária, a terceira fase do seu serviço: tornou-se o novo ecónomo provincial. Depois de um período de aprendizagem na escola do P. Antonio Arbor, ecónomo provincial cesante, o P. Gonzalo foi durante oito anos, até 2010, não só o administrador, mas também o animador da vida económica da província. Era o tempo das grandes reflexões a nível do Instituto para chegar ao Fundo Comum Total, em vista da auto-suficiência das circunscrições. O P. Gonzalo mergulhou nisso com o seu estilo feito de competência e seriedade e com grande atenção aos confrades para um caminho conjunto. Sendo o seu trabalho apreciado a nível do Instituto, passou a fazer parte do Conselho de Economia do Instituto por muitos anos, como representante da África francófona. A par destes encargos, os dias do P. Gonzalo eram, no entanto, sempre acompanhados pelo empenho pastoral: o número de cristãos que frequentavam Cacaveli aumentava todos os domingos. Chegavam também os pobres e o P. Gonzalo dava uma mão a todos, acompanhava os doentes de sida com o seu amor e a sua bondade. «O P. Gonzalo era um homem de oração e de acção, escreveu o P. Victor Kouandé no seu testemunho. Apesar dos muitos empenhos, encontrava sempre tempo para a oração pessoal e comunitária. Como ecónomo era muito metuculoso e atento. Amava muito São Daniel Comboni e estava bem identificado com a sua vocação e vivia-a com serenidade e humildade. Era próximo às gentes e sabia ouvir os problemas das famílias».

Em Março de 2011, com a nomeação de um novo ecónomo provincial, o P. Gonzalo deixou o Togo para regressar à sua província de origem. Em Espanha, foi destinado à comunidade de Madrid e teve o encargo de ecónomo provincial; como sabemos, a partir de 2017 fazia parte também do Conselho de Economia.

O P. Gonzalo faleceu dia 29 de Março por causa do coronavírus. «Alguns dias antes, escreve o P. Pedro Andrés, superior provincial, durante o encontro do conselho provincial para tratar questões económicas, o P. Gonzalo tossia muito, por isso retirou-se e continuou as suas funções em teletrabalho. Amava muito o seu trabalho, tanto que muitas vezes não pensava em si e era preciso obrigá-lo a resguardar-se. O centro de saúde, contactado pelos confrades, estabeleceu que apresentava “sintomas compatíveis com a infecção por coronavírus - Covid-19” e que devia descansar. Nos dias seguintes, a situação parecia estável e o P. Gonzalo di-

zia que se sentia melhor: ninguém imaginava que o coronavírus o trairia tão depressa».

Outros confrades defuntos durante o mês de Março

P. Simoni Giuseppe	09.11.1947	21.03.2020
P. Otero Magán Gabino	22.06.1943	25.03.2020
P. Luis Carranza	10.10.1948	31.03.2020

Rezemos pelos nossos defuntos

- * **O PAI:** Arlei, do Esc. Zanioli Gonçalves Deivith Harly (BR), Rafael, do P. Rafael Güitrón (M).
- * **A MÃE:** Amelia, do P. Michele Tondi (C).
- * **O IRMÃO:** Claude, do P. Joseph Ngumba Lelo (RSA).
- * **A IRMÃ:** Rosalia, do P. Fernando Madaschi (PCA); Annamaria, do P. Werner Nidetzky (DSP); Afra, do P. Josef Pfanner (DSP); Angela, do P. Luigi Sala (I); Pierina, do P. Modesto Generali (I); Amalia, do Ir. Arsenio Ferrari (M).
- * **AS IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS:** Ir. Marylisa Ceccato, Ir. Maria Lucia Bogliotti, Ir. Giannadele Angeloni, Ir. Anna Maria Casorio, Ir. Angelina Ferranti, Ir. M. Donatella Reghenzi, Ir. Argenta Brignoli, Ir. M. Martina Chiodi, Ir. M. Ausilia Lecchi, Ir. Lidianna Anzi.